

Eliminar tribalismo para vencer bandidos

— Alferes Lucas Tomé, veterano das Forças de Libertação de Moçambique

«No quadro da intensificação da luta contra os bandidos armados no nosso País, todo o Povo, em especial as Forças de Defesa e Segurança, devem prestar uma atenção muito particular à eliminação do tribalismo. Temos de estar todos unidos para que possamos acabar com o banditismo armado, a fim de,

O Alferes Lucas Tomé, que participou desde o início na Luta Armada de Libertação Nacional na guerra contra o colonialismo português, falava a jornalistas moçambicanos a propósito das comemorações do 25 de Setembro. Na entrevista, o Alferes Lucas Tomé deu particular realce à luta que o Povo moçambicano, guiado pelo Partido Frelimo, trava para a eliminação total do banditismo armado no nosso País.

Atenção especial foi dada por Lucas Tomé à necessidade de se combater o tribalismo em todo o País, para que possamos, unidos, intensificar a luta contra os bandos armados.

O tribalismo sempre foi o ponto de enfraquecimento para uma luta que visa a libertação de qualquer País, de criminosos e bandidos. A principal preocupação da FRELIMO, quando pegou em armas para a conquista da nossa independência, foi acabar com o tribalismo, criando a unidade de todo o Povo. A mesma questão coloca-se agora, na luta contra o banditismo armado. Temos de ser unidos para sairmos vitoriosos — disse Lucas Tomé.

A EXPERIÊNCIA VEM DA LUTA ARMADA

Nascido em Cabo Delgado, o Alferes Lucas Tomé, transporta consigo uma vasta e importante experiência como combatente, adquirida nos anos da Luta Armada de Libertação Nacional. Tendo entrado para as fileiras da Frente de Libertação de Moçambique muito cedo, Lucas Tomé é hoje um repertório de experiências que im-

porta transmitir aos jovens soldados moçambicanos. O Alferes Lucas Tomé conta algumas das mais importantes passagens da sua participação na luta pela Independência do nosso País:

— Os meus treinos militares foram feitos em 1963, na Argélia. Ao todo, éramos 77 pessoas, entre as quais, o camarada Presidente Samora Machel, que era o chefe do grupo. O nosso primeiro centro de treinos ficava na fronteira entre a Argélia e Marrocos. Mais tarde, fomos para outros centros, dentro da Argélia. Depois dos treinos, fomos para Dar-es-Salaam (Tanzania), e, após termos permanecido um dia, dirigimo-nos a Congwa.

No Centro de Congwa, segundo referiu Lucas Tomé, foi criada uma perfeita organização que permitiu não só a realização de treinos militares, mas também a troca de impressões sobre os mais variados aspectos da luta que iria ser desencadeada contra o colonialismo português. E disse:

— Uma das principais actividades que nortearam a mobilização da Frente de Libertação de Moçambique, junto às populações, foi de dar a conhecer os objectivos da luta: a liberdade. Antes de iniciarmos a batalha, foram enviados emissários para, juntamente com as populações, iniciarmos a grande marcha pela independência. Fomos bem recebidos pelas massas, que em nós depositavam toda a confiança. Estou a lembrar-me de um caso em que um religioso (o padre Daniel) foi assassinado pelos colonialistas. As populações informaram-nos imediatamente.

finalmente, reconstruirmos em paz o País e a nossa economia» — disse segunda-feira, aos órgãos de Informação moçambicanos, o Alferes Lucas Tomé Malia, veterano da Luta Armada de Libertação Nacional.

O Alferes Lucas Tomé disse depois que operou em Mueda, Mocimboa da Praia, Macomia e Pemba. Uma das primeiras acções que desenvolvemos, para que obtivéssemos sucessos na



Alferes Lucas Tomé, veterano da Luta Armada de Libertação Nacional

luta, foi organizar as populações, através de comités e, por outro lado, mobilizá-las para a produção.

O TRIBALISMO NUNCA BENEFICIA O POVO

O Alferes Lucas Tomé tem uma aversão muito grande ao tribalismo. Apela, por isso, a todo o Povo, em

especial às Forças de Defesa e Segurança, para que afastem do País, toda e qualquer manifestação tribalista que possa surgir. Na intensificação da luta contra os bandos armados, a nossa vitória total só poderá ser alcançada quando estivermos todos unidos.

E ele conta-nos a seguinte passagem da sua vida:

— Tive um camarada — Joaquim Chonguela — que é natural de Sofala. Ele estava comigo em Cabo Delgado. Apresentei-o à minha família e às populações para que o conhecessem. Como não falava nem maconde, nem swahili, sempre que saísse para a aldeia ou outro sítio, qualquer tinha que ser acompanhado por um de nós. No entanto, apesar de não poder inicialmente conversar com qualquer pessoa da região, toda a gente compreendia-o. Sabíamos todos que ele não era senão um moçambicano. Apesar da língua ser diferente, nós parecíamos dois irmãos do mesmo sangue. Hoje ele já fala bem maconde e swahili.

NÃO ESQUECER «NÓ GÓRDIO»

Em Maio de 1970, o colonialismo português desencadeou contra o Povo moçambicano, a sua maior operação militar: a operação «Nó Górdio». Promovida por Kaulza de Arriaga, esta operação acabou terminando com a vitória da Frente de Libertação de Moçambique.

Segundo o Alferes Lucas Tomé, na Ofensiva «Nó Górdio» houve uma parti-

cipação intensa das populações, sobretudo, após a mobilização e sensibilização feitas. A participação popular, que foi de extrema importância para a vitória, manifestou-se de diversas formas, tais como o fornecimento de alimentos para os combatentes e transporte de material.

— Lembro-me de uma das operações, integradas nesta ofensiva, que durou 1 dia inteiro. Estávamos organizados em 2 grupos. Enquanto um estava no ataque, o outro estava na defensiva. Eu era o artilheiro. Cobria os camaradas contra o avanço do inimigo. Foi uma luta bastante forte e a participação da população foi realmente positiva. Prepararam-nos alimentos e carregaram o nosso material de guerra, entre outras coisas. Uma guerra inesquecível — disse.

COMBATER OS BANDIDOS PARA A RECONSTRUÇÃO DA PÁTRIA

— Neste momento, a acção dos bandidos armados é cada vez mais desorganizada. Se há alguns meses a actividade banditescas dificultava grandemente o tráfego de camiões que transportavam alimentação para vários pontos do País, hoje já podemos circular sem muitos problemas devido à intensificação da luta desencadeada pelas nossas Forças Armadas de Moçambique (FPLM) — referiu.

Já a terminar a entrevista, o Alferes Lucas Tomé, disse que se deve acentuar a preparação das forças militares para a defesa da Pátria e que cada moçambicano deve desenvolver uma luta tenaz contra o tribalismo. Temos que eliminar os bandos armados para vencermos a fome, disse.

N. 17/5/84